

O DESENHO COMO CAMINHO PARA A EQUIDADE NO PET INTERSUS-PEL

LEAN D'OLIVEIRA GONÇALVES PINTO¹; RAYNARA DE FREITAS NUNES²;
PAMELA DE SOUZA CAMACHO³; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – leandoliveira05@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raynarafreitasnunes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pamela.bluevelvet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O programa de Educação pelo Trabalho para a saúde (PET-Saúde), a partir da temática equidade, desenvolve ações articuladas em cinco grupos de trabalho vinculados ao projeto “PET InterSUS-Pel caminhos para a equidade: valorização, acolhimento e inclusão no trabalho em saúde”, que trata-se de uma iniciativa resultante da parceria entre a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Secretaria Municipal de Saúde de Pelotas, voltada a promoção de práticas inclusivas e valorização dos profissionais de saúde.

No contexto dessa proposta, o Grupo 1: Trabalho em Saúde: Acolher para Valorizar, tem como finalidade promover o acolhimento das pessoas trabalhadoras, adotando uma perspectiva que prioriza o reconhecimento e a valorização de quem desempenha funções de cuidado. Com caráter interdisciplinar, o projeto conta com a participação de estudantes das áreas das Artes, Pedagogia, Terapia Ocupacional, Educação Física e Nutrição, favorecendo a troca de saberes e a construção coletiva de estratégias que ampliam a equidade no ambiente de trabalho em Saúde. O grupo atua em Unidades Básicas de Saúde (UBS) com a oferta de oficinas de formação, que tem como objetivos sensibilizar os profissionais para questões relacionadas à equidade, valorização e o respeito no espaço em que atuam.

No âmbito das ações realizadas pelo Grupo 1, destaca-se a dinâmica “Cuidando de quem cuida”, proposta que incentiva as trabalhadoras a se expressarem por meio de produções artísticas. Neste trabalho, o recorte de análise concentra-se na análise dos desenhos produzidos pelos participantes, compreendidos como registros de suas percepções e experiências no contexto de cuidado. Para subsidiar tais reflexões, utilizamos os escritos de VIANNA (2012) em “Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?” e de OLEQUES e PEREIRA (2022) em “Os estereótipos e o ensino do desenho: outras perspectivas”

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As oficinas de formação foram organizadas em quatro encontros semanais realizados nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). O primeiro, intitulado “Dinâmica dos Privilégios” consistiu em uma atividade no qual os participantes avançavam ou retrocedem conforme as sentenças eram lidas, estimulando a reflexão sobre desigualdades. O segundo, intitulado “Manchetes”, promoveu a análise coletiva de notícias sobre desafios enfrentados pelos trabalhadores da saúde, articulando-se aos conceitos de equidade.

O terceiro encontro, intitulado como “Cuidando de quem cuida”, tem como objetivo proporcionar aos participantes um espaço de expressão e reflexão sobre

suas vivências na Unidade Básica de Saúde (UBS), por meio da produção de desenhos que representassem sentimentos positivos e negativos já experimentados no ambiente de trabalho, buscando estimular a importância do autocuidado na rotina dos trabalhadores e a percepção de seus contextos de atuação. A proposta, além de promover a expressão artística como ferramenta de comunicação, tem como intuito também fomentar o diálogo entre os participantes, possibilitando o compartilhamento de experiências, o fortalecimento dos vínculos e a valorização das próprias emoções no contexto desafiador da rotina em saúde. O quarto encontro, intitulado como “Mosaico”, tem como objetivo integrar e ressignificar as produções artísticas realizadas nos encontros anteriores, por meio da construção coletiva de um mosaico. A dinâmica incluiu a intervenção nas obras produzidas por outros participantes, estimulando o trabalho colaborativo, a busca conjunta por soluções e o exercício da escuta e do diálogo. Além de promover a troca de perspectivas, essa proposta buscou fortalecer o sentimento de pertencimento e de valorização das experiências compartilhadas no grupo.

Observou-se, durante a produção artística, que, apesar da oferta de diferentes materiais para desenhar, como lápis de colorir, canetinhas e giz de cera, a maior parte dos trabalhos apresentou bonecos de palito, traços simples, ausência de elementos de cenário e uso restrito de uma única cor. Houve também uma constante aparição de símbolos que se repetiam entre os desenhos. Muitos participantes justificaram essas escolhas afirmando não conseguir desenhar outra coisa, o que deu origem à problematização deste trabalho. A partir dessa e de diversas outras falas recorrentes observadas durante a produção dos desenhos, como: “faz muito tempo que não desenho”, “a última vez que desenei foi na escola/quando era criança” ou “eu não sei desenhar”, fomos levados a refletir sobre pressupostos como: todos sabem desenhar? O que seria “desenhar bem”? Como alguém pode afirmar que não sabe desenhar?

VIANNA (2012, p. 4) relata que estereotipar um desenho é “simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples”. Essa compreensão encontra eco nas falas dos participantes das oficinas, que revelam uma descontinuidade na experiência gráfica e uma crença difundida de que saber desenhar significa dominar determinados modelos. Nesse sentido, a adesão à utilização de modelos prontos ou usuais, se mostra, não somente um podamento da potência criativa, mas também uma estratégia para autoproteção contra a insegurança de traduzir os sentimentos em desenhos.

Por outro lado, OLEQUES e PEREIRA (2022) chamam a atenção para o fato de que os desenhos estereotipados também desempenham um papel no desenvolvimento comunicacional dos sujeitos. Nos desenhos analisados, o predomínio das formas estereotipadas não impediu a expressão de sentimentos em relação ao cotidiano de trabalho. Pelo contrário, mesmo em desenhos simples, foi possível identificar elementos de afeto, cansaço, sobrecarga e vínculos de solidariedade entre os colegas, ainda que expressados a partir de um repertório de desenhos estereotipados. Em determinados casos, a opção por manter uma figuração mínima, caracterizada por bonecos esquemáticos e escassez de detalhes, pode ser interpretada como uma metáfora do apagamento e da falta de valorização experimentada por esses trabalhadores em seus ambientes laborais. Alguns participantes relataram rotinas exaustivas de trabalho e conflitos internos que contribuem para sentimentos de desmotivação. Além disso, manifestaram certa resistência em desenhar, sobretudo no que se referia a representar aspectos positivos de sua vivência profissional. Assim, optaram por produções simples, que lhes permitissem concluir a atividade de forma mais

rápida, resultando em reflexões diretas e superficiais, sem espaço para um aprofundamento maior nas questões subjacentes.

A análise, portanto, evidencia duras dimensões: de um lado a necessidade de questionar a reprodução acrítica dos estereótipos que empobrecem a expressão e de outro, o reconhecimento de que tais estereótipos são parte constitutiva da memória visual dos sujeitos e podem funcionar como ponto de partida para novas elaborações. No contexto do PET-Saúde, assumir tais tensões implica valorizar o desenho não como técnica, mas como veículo de partilha de experiências e sentimentos, contribuindo para o fortalecimento de vínculos e para a promoção da equidade no ambiente de trabalho em saúde. Destaca-se, sob esse viés, a importância de criar ambiente de desestereotipização (VIANNA, 2012) e de ressignificação (OLEQUES; PEREIRA, 2022), nos quais os sujeitos participantes das oficinas possam reconhecer o espaço como potencializador para criar e atribuir sentido às próprias representações, compartilhando aspectos subjetivos do seu cotidiano, abrindo caminho para novas reflexões.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada neste trabalho permitiu compreender o desenho não apenas como recurso estético, mas sobretudo como meio de expressão de sentimentos e vivências das pessoas que trabalham na saúde. A oficina “Cuidando de quem cuida” evidenciou que, mesmo diante da predominância de estereótipos nos desenhos, os participantes conseguiram comunicar afetos, angústias e percepções sobre o ambiente de trabalho, favorecendo o diálogo coletivo.

Portanto, também houve desenhos que se distanciaram desses estereótipos, retratando de forma única as experiências de seus autores. Nessas produções, percebe-se um maior empenho na realização da atividade, destacando-se pelo uso mais variado de cores, pela elaboração de figuras mais complexas e pela ocupação de todo o espaço da folha. Ainda que algumas dessas representações não sejam consideradas excelentes sob certos critérios, observa-se um esforço evidente dos participantes em expressar algo por meio do desenho. Porém, muitos trabalhadores produziram desenhos mais simples como forma de se sentirem seguros diante da tarefa proposta, o que revela não somente a ausência criativa, mas a influência de uma cultura social que associa o saber desenhar ao domínio de padrões.

Ao mesmo tempo, observamos que mesmo os desenhos mais simples foram capazes de comunicar experiências significativas. Sendo assim, o foco da oficina não esteve na sofisticação estética das produções, tampouco as reflexões foram elencadas a partir desse elemento, mas sim, na possibilidade de ressignificar memórias e promover a expressão pessoal no ambiente pessoal.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLEQUES, L. C.; PEREIRA, M. E. S. Os estereótipos e o ensino do desenho: outras perspectivas. Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 15, e9, jan./dez. 2022.

VIANNA, M. L. R. Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal? Revista Advir, Rio de Janeiro, n. 5, abr. 1995. Publicado online em 2012.